
GETÚLIO VARGAS E OS COMUNISTAS: ALINHAMENTOS E CONTRADIÇÕES NAS PÁGINAS DA EDITORIAL “CALVINO” (1933–1948)

GETÚLIO VARGAS AND THE COMMUNISTS: ALIGNMENTS AND CONTRADICTIONS IN THE PAGES OF EDITORIAL CALVINO (1933–1948)

Vinícius de Oliveira Juberte¹

RESUMO

O presente artigo examina a relação entre o editor comunista José Calvino Filho, sua editora e a figura de Getúlio Vargas em diferentes fases de seu governo. Na década de 1930, a Calvino Filho Editor chega a lançar uma obra do próprio Vargas, *De 1929 a 1934*, uma compilação de discursos do presidente, ao mesmo tempo em que passa a sofrer censura pelo mesmo governo a partir de 1934. Na década de 1940, a agora chamada Editorial Calvino publica uma série de prefácios elogiosos a Vargas e ao seu governo, além de artigos do editor Calvino Filho no jornal *Diário da Noite* com o mesmo tom. Esse período coincide com a linha política de União Nacional adotada pelo PCB (Partido Comunista do Brasil), que apoiava Vargas durante o esforço de guerra iniciado em 1942. Após o fim do Estado Novo, novas publicações de Calvino Filho surgem criticando pesadamente o governo Vargas, demonstrando como essa relação sempre foi permeada por tensões e contradições. Por fim, fica evidente, por meio da análise da ação política de José Calvino Filho e de sua editora, que as aproximações entre comunistas e trabalhistas no Brasil sempre ocorreram sob uma chave principal: o nacionalismo.

Palavras-chave: Estado Novo. Getúlio Vargas. Partido Comunista do Brasil. Edições Comunistas. História do Livro.

ABSTRACT

This article explores the relationship between the communist editor José Calvino Filho, his publishing house, and the figure of Getúlio Vargas during different phases of Vargas' government. In the 1930s, Calvino Filho Editor even published a work by Vargas himself, *De 1929 a 1934*, a compilation of the president's speeches, while simultaneously facing censorship from the same government starting in 1934. In the 1940s, the now-called Editorial Calvino released a series of prefaces in its publications praising Vargas and his administration, alongside a series of articles by editor Calvino Filho in the newspaper *Diário da Noite* with a similar tone. This period corresponds to when the PCB (Communist Party of Brazil) pursued its political line of National Unity, supporting Vargas during the war effort that began in 1942. After the end of the Estado Novo, new publications by Calvino Filho emerged, heavily criticizing Vargas' government, demonstrating how this relationship was always marked by tensions and contradictions. Finally, through an analysis of the political actions of José Calvino Filho and his publishing house, it becomes evident that the rapprochement between communists and labor movements in Brazil has consistently been framed around a central theme: nationalism.

Keywords: Estado Novo. Getúlio Vargas. Communist Party of Brazil. Communist Editions. History of the Book.

¹ Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em História Econômica da Universidade de São Paulo.

ANOS 1930: ENTRE O LIVRO E A REPRESSÃO: CALVINO FILHO EDITOR E SUA RELAÇÃO COM O GOVERNO VARGAS

José Calvino Filho foi uma figura de destaque no cenário político brasileiro dos anos 1930 e 1940. Proprietário-fundador da Calvino Filho Editor (que passou a se chamar Editorial Calvino na década de 1940), onde também trabalhava na edição dos livros, e figura constante nos meios intelectuais da época, o médico carioca demonstrou simpatia pela Revolução Russa e pelo comunismo desde o início de sua trajetória editorial.

Formado na Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil (atual Universidade Federal do Rio de Janeiro) em 1929 e com uma “passagem brilhante” pelo Instituto Manguinhos (atual Instituto Oswaldo Cruz), conforme destacado em nota publicada pelo jornal *Diário da Noite* em 1943, o doutor Calvino Filho foi além de sua formação profissional, tornando-se um editor militante na defesa de suas publicações marxistas e um intelectual ativo nos debates políticos do período.

Segundo o *Diário da Noite* (1943, p.6): “[...] Jornalista de combate, Calvino Filho é hoje uma figura de prestígio entre os editores de grandes livros no Brasil, graças ao tirocínio revelado nesse novo campo de sua atividade, testemunhado na simpatia pública pelas suas edições preparadas com esmero e habilidade. [...]”

A atuação de Calvino Filho como jornalista² é marcante principalmente na imprensa carioca, com artigos seus em destaque no *Diário da Noite* e, em menor intensidade, na *Tribuna Popular* – o primeiro pertencente a Assis Chateaubriand, e o segundo, órgão de imprensa do PCB (Partido Comunista do Brasil)³ no Rio de Janeiro. Vale lembrar que, em ambos os jornais, também eram veiculados diversos anúncios dos livros publicados por Calvino.

A Calvino Filho Editor começou a funcionar em 1929, mesmo ano em que seu proprietário se formou em Medicina. Segundo nota da Junta Comercial do Rio de Janeiro, publicada no *Jornal do Commercio*, a empresa foi aberta sob o nome Borsoi & Cia., com sócios solidários José Calvino Filho e Beatriz Lourenço Borsoi, dedicada ao “comércio de typographia” e com capital inicial de 50 mil cruzeiros (*Jornal do Commercio*, 1931, p.17). A

² Sua carteira de jornalista emitida pela ABI (Associação Brasileira de Imprensa) data de 1937, como consta em nota do *Jornal do Commercio* de 02 de setembro de 1937.

³ A opção nesse trabalho foi por manter o nome original do partido no período estudado. Vale ressaltar que a partir de 1961 existe a modificação do nome de Partido Comunista do Brasil para Partido Comunista Brasileiro durante a Conferência Nacional daquele ano, procurando facilitar a legalização do PCB naquela conjuntura. Em 1962, o partido se divide, surgindo de sua cisão o PCdoB, de linha maoísta, enquanto o PCB permanece fiel a linha soviética.

editora funcionou até 1932, conforme relato do próprio Calvino Filho em depoimento ao Tribunal de Segurança Nacional de Vargas: “Livros que tratassem dos problemas sociais, sem a preocupação com as ideologias defendidas [...] lançando à venda livros socialistas, fascistas, comunistas, parlamentaristas, etc.”

Ainda segundo o editor, após 1934, com a proibição da venda e circulação de livros comunistas pela Lei de Segurança Nacional, todos os títulos dessa natureza publicados pela Calvino Filho Editor foram recolhidos ao depósito da própria editora, que passou então a se dedicar exclusivamente à publicação de livros de medicina, direito e didáticos (Palamartchuk, 2003, p.139).

O catálogo da editora, nesse momento, não apresentava uma linha editorial claramente alinhada às ideias comunistas, sendo composto majoritariamente por romances, livros científicos e didáticos. Não se encontram, nos catálogos desse período, obras abertamente fascistas; o título que mais se aproximaria dessa linha seria *A Verdade Sobre Salazar*, de José Jobim, que, ainda assim, pela forma como é apresentado no anúncio, buscava realizar um levantamento crítico sobre a trajetória do ditador português.

Calvino também publicou o livro *De 1929 a 1934*, de Getúlio Vargas, no qual o próprio autor analisa a Revolução de 1930 e seu papel nos acontecimentos. Analisando o paratexto da obra (Genette, 2009, p.175), encontramos o índice, que traz a seguinte divisão de capítulos: “Prefácio”, “Campanha Liberal”, “Ditadura”, “O Problema Siderúrgico”, “A Lei de Imprensa”, “Derrotismo contra Patriotismo”, “Manifesto à Nação”, “No Norte” e “A Amizade Argentino-Brasileira”. Fica evidente, por essa estrutura temática, que se trata de uma obra composta por diversos discursos de Vargas sobre os temas mais candentes relacionados à sua liderança – desde o início do que viria a ser a Revolução de 1930 até a Constituinte de 1934. Vale destacar que, em cada página do livro, aparece no cabeçalho uma espécie de subtítulo: *Os melhores discursos de Getúlio Vargas*.

No prefácio, escrito por José Pereira da Silva – partidário de Vargas e autor de outros livros sobre o presidente –, enfatiza-se que a obra representaria “uma contribuição inestimável na formação de um dos capítulos mais vibrantes da nossa história”, ao focalizar “os problemas fundamentais da realidade brasileira” e “toda a obra realizada pela revolução até a instalação da Constituinte”. O texto é descrito como sendo marcado por uma “linguagem serena e inspirada pelos sentimentos mais puros de patriotismo e de verdade”. O autor afirma,

ainda, ter tido cuidado nas transcrições, a fim de garantir ao leitor “a oportunidade de ouvir exclusivamente a palavra do ditador”, e enfatiza:

O meu intuito final foi o de contrapor aos tantos trabalhos que condensam o mercado de livros nacionais sobre assuntos revolucionários, crivados, muitos deles, de suspeições e mentiras, uma obra prestigiada pela incontestável autoridade moral de um dos maiores vultos de Estados dos tempos contemporâneos, farta de sinceridade, fecunda em lições de civismo, a que não falta o traço da rigorosa honestidade com que o ditador costuma sublinhar as suas ações e as suas palavras.

E termina saudando o “sadio patriotismo do editor Calvino Filho que se propôs a editar este trabalho”, garantindo ao leitor a oportunidade de julgar Getúlio Vargas por suas próprias palavras. É interessante notar dois pontos nesse prefácio: o primeiro é o uso do termo “ditador” para se referir a Vargas, que aqui não carrega qualquer carga negativa. Pelo contrário, a ideia de uma “ditadura republicana” que garantisse a construção de uma “democracia social” era bastante comum no projeto político positivista do qual Getúlio Vargas fazia parte. Por essa ótica, democracia política e democracia social não eram sinônimos – inclusive, a primeira poderia ser um entrave à segunda –, o que teria ficado claro, por exemplo, durante a Primeira República, de cunho liberal.

O segundo ponto é o destaque dado por Pereira ao patriotismo de Calvino Filho ao aceitar editar a obra, já que o editor, naquele momento, já apresentava em seu catálogo uma simpatia bastante evidente ao marxismo. Isso pode indicar que ele guardava alguma expectativa em relação às mudanças que Vargas vinha promovendo no país. Ao mesmo tempo, não se pode descartar o fato de que um livro que carregasse o nome do presidente, naquele contexto, poderia ser interessante para a editora do ponto de vista comercial, além de funcionar como uma espécie de proteção contra acusações de que a editora teria um viés abertamente comunista.

Ainda assim, apesar dessas características do catálogo, fica evidente a simpatia de Calvino Filho pelo comunismo. Além da publicação do “best-seller” *Rússia*, de Maurício de Medeiros, que chegou a incríveis seis edições (algo em torno de 7 mil exemplares) (Palamartchuk, 2003, p.140), foram lançadas obras de caráter claramente marxista, como *As Bases Fundamentais do Marxismo e Anarquismo e Socialismo*, de Plekanov; *A Mulher no Regime Proletário*, de Gastão Pereira da Silva; *Meus Encontros com Lenin*, de Clara Zetkin; *O Materialismo Histórico*, de L. A. Tekefikiss; *Extremismo: doença infantil do comunismo*, de Lênin (com capa assinada por Di Cavalcanti); além de *Os Fundamentos do Leninismo*, de

Stalin; *Lenine – sua vida e sua obra*, de D.S. Mirsky; e *Teoria da Revolução Proletária*, de Pokrovsky, entre outros. Esses títulos seriam reeditados posteriormente, nos anos 1940, juntamente com *Caminho da Revolução Operária e Camponesa*, de Leôncio Basbaum, importante quadro do PCB, sob o pseudônimo de Augusto Machado.

São de 1934 os últimos anúncios de livros da editora veiculados pelo *Diário da Noite* nessa década, retornando apenas nos anos 1940, já no contexto da Segunda Guerra. A última aparição de um anúncio da editora nas páginas do jornal data de agosto de 1935, com a venda de livros de Medicina, Direito e Literatura, a prazo, com possibilidade de pagamento em até dez vezes. É provável que a editora tenha enfrentado dificuldades financeiras após o governo Vargas intensificar o cerco à literatura marxista, sendo forçada a buscar alternativas para liquidar seu estoque.

A editora continuou a enfrentar problemas com a repressão, que se intensificou com a onda anticomunista após a rebelião comunista de 1935 (Motta, 2000, p.7). Outra ação policial contra Calvino Filho foi noticiada no *Diário da Noite* de 15 de março de 1937. Segundo a nota, foram apreendidos 3 mil livros no depósito da empresa Draupt & Cia., pertencentes à editora Calvino Filho, todos “destinados à difusão de ideias vermelhas”. A notícia informa que os livros foram editados em um período no qual ainda “era permitida a circulação de tais obras”; que os exemplares foram removidos para o prédio da Polícia Central; e que duas pessoas acabaram presas na operação, embora seus nomes não tenham sido revelados.

É interessante perceber a mudança de tom do jornal em relação à literatura marxista. Até 1935, essa era tratada com naturalidade e tinha seu espaço de divulgação, representando uma linha política como qualquer outra. Naquela conjuntura, inclusive, indicava-se a leitura de tais obras para uma melhor compreensão do “problema proletário”. Em 1937, porém, essa mesma literatura passa a ser tachada de “extremista de esquerda” pelo jornal, o que demonstra como o pensamento anticomunista havia se fortalecido em um intervalo de apenas dois anos, com a crescente repressão aos comunistas promovida pelo governo Vargas.

Ainda em 1937, antes mesmo do golpe que instaurou o Estado Novo, a Calvino Filho sofreu uma investigação por parte da polícia política. Em 27 de março de 1937, Filinto Müller solicitou a instauração de um inquérito contra a editora, por meio de um ofício enviado à Seção de Investigações da DESPS (Delegacia Especial de Segurança Política e Social), que deveria ser acompanhado por uma busca nos estoques da Calvino. A solicitação foi motivada por uma denúncia feita à chefatura de polícia do Distrito Federal, na qual a editora era

acusada de manter sob sua guarda grande quantidade de livros “subversivos”, de caráter comunista, proibidos pelo Decreto nº 38, de 4 de abril de 1935. Dois dias depois, uma diligência autuou a editora, apreendendo mais de 20 mil exemplares de 57 títulos diferentes. Não houve a retirada imediata dos exemplares, mas o depósito da editora passou a ser vigiado em turnos por grupos de policiais, 24 horas por dia (Palamartchuk, 2003, p.275).

Vale ressaltar que, no depósito da Calvino, também foram encontrados livros de outras editoras de caráter marxista, mais especificamente das editoras Pax, Alba, Adersen e Unitas, o que demonstra a importância da Calvino também como distribuidora dessas publicações. Segundo Ana Paula Palamartchuk, a procuradoria não conseguiu provar que Calvino tenha vendido ou publicado livros comunistas após o decreto da chamada “Lei Monstro”. A defesa do editor argumentou que os livros apreendidos faziam parte da massa falida da editora, encerrada em 8 de novembro de 1934, e que, desde então, a edição e o comércio de livros passaram a ser feitos pela empresa Calvino & Mello Ltda. O processo foi arquivado em 9 de março de 1938 (Palamartchuk, 2003, p.276).

ANOS 1940: A LINHA DE UNIÃO NACIONAL DO PCB E O ALINHAMENTO AO GOVERNO VARGAS

José Calvino Filho apareceu com frequência nas páginas do jornal *Diário da Noite*, não apenas por meio dos anúncios de seus livros, mas também em sua defesa, especialmente durante os anos 1940. Além disso, escreveu artigos sobre a conjuntura social e política, exercendo o papel de intelectual e formador de opinião.

Calvino Filho é citado, por exemplo, na edição de 23 de agosto de 1933, em uma reportagem sobre o Congresso de Editores e Autores, realizado no Rio de Janeiro naquele ano. O editor fazia parte da Comissão Executiva responsável pela organização do evento, ao lado de outros editores e autores.

Essa comissão contava, além de Calvino Filho, com nomes como Humberto de Campos, Herbert Moses, Martins Capistrano, Vasco Lima, Jarbas de Carvalho, José Maciel Filho, Octalles Marcondes, Benjamin Lima, Augusto Pinto Lima, Osvaldo Orico, entre outros. O Congresso foi definido pelos organizadores como um espaço voltado a “estabelecer o mais perfeito e harmônico entendimento entre as duas classes”, em prol da divulgação dos livros brasileiros. Fica evidente que a composição da comissão era ampla, contemplando

desde um editor simpatizante do comunismo, como Calvino, até intelectuais ligados ao governo Vargas.

Calvino também polemizou com o escritor conservador Cassiano Ricardo, a propósito da obra *O Cristianismo e a Nova Ordem Social na Rússia*, do deão de Canterbury. O editor publicou uma carta em resposta às críticas de Ricardo no jornal *Diário de Notícias*, em 29 de outubro de 1943. Segundo ele, o escritor o teria prejudicado “moral e comercialmente” com suas palavras. A missiva contém trechos que merecem destaque, por revelarem de forma inequívoca a linha política do PCB nas palavras do editor. Diz Calvino a Ricardo (*Diário de Notícias*, 1943, p.8):

1º) Em nenhum escrito meu, de qualquer época e espécie, *defendi o comunismo* (grifo nosso). Pelo contrário, sempre o considerei *utópico irrealizável* (grifo nosso). [...]

Estranho, sobretudo, a sua atitude de brasileiro que se diz admirador do nosso presidente Vargas, pelos motivos seguintes:

Nas minhas “Duas Palavras”, defendo a tese de que Lenine errou e a Igreja também errou nas soluções apresentadas para a questão social: somente o presente Vargas está acertando com a sua solução brasileira, tanto que afirmei:

“Felizmente para o Brasil, o presidente Vargas é um observador sereno, objetivo, realístico, de visão clara, cultura superior, que se não deixa envolver nas malhas dos interesses subalternos de classes ou camarilhas que se fingem de apavoradas com as reivindicações proletárias, para melhor mascararem seus interesses inconfessáveis. E somente por isso caminhamos na vanguarda do mundo na conquista de direitos inconclusos para o trabalhador.

A legislação social do presidente Vargas é uma revolução branca, que garantirá ao proletariado brasileiro, no futuro, uma situação privilegiada, porque se lhe dará todo o amparo material e intelectual, defendendo-o da ganância impiedosa dos exploradores do trabalho alheio, sem se lhe tocar na liberdade de pensamento.

Um governo como o do presidente Vargas não teme, pelo contrário, facilita e estimula o estudo de quantas fórmulas surjam no mundo visando a solução dos problemas sociais de após-guerra. Só temem a verdade os que vivem à custa da mentira...

Tranquilizem-se os ignorantes e acautelem-se os reacionários de dentro e de fora da Igreja, pois que o presidente Vargas saberá levar o Brasil a cumprir o seu grande destino, dando mais brilho e fulgor às máximas aspirações humanas: LIBERDADE E IGUAIS OPORTUNIDADES PARA TODOS.

4º) As edições da Editorial Calvino, todas elas, quando versam sobre fatos ou coisas da URSS ou seus líderes, são claras e eloquentes no afirmarem que o comunismo fracassara lá. Se todas ressaltam o fracasso do sistema comunista como podem elas estar fazendo propaganda do comunismo? [...]

6º) Está ou não V.S. integrado no espírito do Estado Novo? Este exige de todos os brasileiros que reúnam seus esforços para que o Brasil, sob Vargas, vença a guerra ao lado das Nações Unidas e possa cumprir o seu alto destino histórico. Positivamente, o Estado Novo, sob a direção sábia do presidente Vargas, condena os que a pretexto de acusações infundadas de comunismo mais não fazem que dividir os brasileiros, enfraquecendo o Brasil, para que se torne assim presa fácil do nazi-fasci-integralismo

Algumas colocações de Calvino chamam a atenção, como quando afirma, por exemplo, que nunca defendeu o comunismo e o considera uma ideologia utópica. Ou quando faz uma ode à figura de Vargas e às suas realizações, especialmente à legislação trabalhista, apontando-a como o caminho correto a ser seguido – inclusive em relação ao modelo socioeconômico soviético. Segundo ele, o presidente considera todas as ideias disponíveis para alcançar a igualdade de direitos para todos, independentemente do espectro político. Calvino ainda questiona o alinhamento de Cassiano Ricardo – apoiador de primeira hora do regime estadonovista – ao governo, acusando-o de dividir os brasileiros com suas críticas ao esforço de guerra liderado pelo presidente.

Todas essas afirmações do editor seguem a linha política adotada pelo PCB em 1943, de união nacional em torno de Vargas em prol do esforço de guerra. A aliança da URSS com as democracias ocidentais leva à moderação do discurso do movimento comunista em todo o mundo, com a determinação de apoiar qualquer governo que se declarasse adversário do nazifascismo. Dessa forma, toda a perseguição empreendida pelo Estado Novo varguista contra os comunistas – inclusive contra o próprio Calvino e sua editora – torna-se, naquele momento, uma questão secundária, diante da prioridade de manter a unidade nacional contra o inimigo comum. Isso explica o aparente posicionamento contraditório de Calvino Filho.

No dia seguinte, o *Diário da Noite* publica um novo texto de Calvino, intitulado “A Verdade Sobre a Rússia através dos livros da Editorial Calvino e as acusações do sr. Ary Maurell Lobo”. O artigo traz as críticas feitas pelo tenente-coronel aos livros editados por Calvino, principalmente *O Poder Soviético*, do deão de Canterbury, e *A Questão Social e Os Cristãos Sociais*, de Lisandro de la Torre. O militar afirma: “O sr. Calvino Filho, a quem não tenho até agora na conta de comunista, e sim na de livreiro industrial, assaz interessado em tornar próspero o seu negócio, com a edição de obras vendáveis, educativas ou não, úteis ou prejudiciais.”⁴

Na sequência, o editor começa a responder às acusações de Ary Maurell Filho. Diz Calvino Filho (1944, p.3):

É de lastimar que o Sr. Maurell, muito embora haja prometido provar serem “inverídicas”, “perigosas”, “não educativas”, “prejudiciais” as edições Calvino, tenha abandonado essa ideia e resolvido “provocar-me” para uma “discussão sobre o tema religioso”, a pretexto do livro “A Questão Social e os Cristãos Sociais”. Estarei à disposição de s. s. para discutir sobre “religiões”, mas não pela imprensa leiga,

⁴ CALVINO FILHO. A Verdade Sobre a Rússia Através dos Livros da Editorial Calvino e as Acusações do Sr. Ary Maurell Lobo. *Diário da Noite*, p.3, 23 mai. 1944.

porque considero essa discussão, perante o grande público profundamente prejudicial, principalmente porque neste momento só deveremos profligar os quinta-colunistas e prender a atenção do povo brasileiro sobre quanto concorra para a vitória do nosso esforço de guerra, ou seja, da União Nacional, para fortalecer o governo e possibilitá-lo enfrentar vitoriosamente os graves problemas atuais e gravíssimos de após-guerra.

Mais uma vez, Calvino traz em sua resposta a questão política ligada a defesa de seus livros. Contudo, nessa resposta, a questão da Guerra não só é predominante, e pela primeira vez o editor afirma defender a União Nacional em torno do governo Vargas em apoio ao esforço de guerra. Essa era exatamente a linha seguida pelo PCB, dessa forma aparece de maneira explícita o alinhamento do editor com o partido pela primeira vez nos jornais.

Calvino Filho (1944, p.3) continua nesse sentido, subindo o tom contra Maurell Lobo:

Qualquer atitude, ou iniciativa diversionista que facilite a vitória do fascismo ou apenas a de suas formas metastásicas, é trair a Pátria. Não acompanharei ninguém nesse sentido. Pelo contrário, combaterei com todo meu ardor democrático e patriótico. Hoje, mais que nunca, impõe-se-me à consciência pregar e lutar pela União Nacional, sob a bandeira reivindicatória de Vargas, na peleja contra a ‘exploração do homem pelo homem’ para o engrandecimento do Brasil. [...]

Afirmar no início dessa defesa: 'Não há efeito sem causa'. A causa que moveu a pena injuriadora, evidente, gritante, foi o quinta-colunismo e o efeito se revela na pregação da discórdia entre os brasileiros, de desconfianças aos nossos Aliados, sejam eles os ingleses, norte-americanos ou russos.

Acusar o governo soviético de insincero e despistador, afirmar inverdades sobre a religião na Rússia para assustar os brasileiros, querendo reviver o espantinho do comunismo, já tão desmoralizado, é ação de quintacolonismo. [...]

Sr. Maurell, como brasileiro tenho o direito de exigir de V.S., como jornalista, que não use a sua pena para fomentar a desunião e malquerências através de intrigas parvas, contrariando assim os supremos interesses do Brasil, pois isso só serve ao Fascismo, o único inimigo presente que nos cabe combater, sem tréguas, abrigue-se ele onde for.

Nesse trecho, mais uma vez, Calvino transforma sua resposta a um crítico em um manifesto pela união na luta contra o fascismo e o “quinta-colunismo”, classificando como “diversionistas” as críticas de Ary Lobo. Para o editor, essas discussões não tinham lugar naquele momento, em que a unidade contra o inimigo externo deveria ser a prioridade. Além disso, ele associa a figura de Vargas à luta contra a “exploração do homem pelo homem”, em nome do bem do Brasil, evidenciando, mais uma vez, seu alinhamento à linha política do PCB, que então endossava o apoio ao presidente.

Na sequência, tem início um debate, ainda nas páginas do *Diário da Noite*, entre Calvino e Viriato Vargas, irmão de Getúlio e chefe de sua segurança. Segundo Calvino, se Viriato ainda não havia se convencido da realidade soviética, bastaria ler os livros com

“depoimentos insuspeitos” de “Davies, Strong, Hindus etc. e os do casal Webb, barões e lordes ingleses”, todos publicados pela Editorial Calvino. Para ele, depois da edição dessas obras, dizer “inverdades sobre o regime soviético” só poderia ser considerado “calúnias fascistas”. Segundo Calvino Filho (1944, p.2):

Afirmar alguém que o regime soviético é totalitário e que “o nazismo e o comunismo são o mesmo regime destruidor da liberdade humana”, mais não prova que a suprema ignorância de quem o afirma, afora envolver severo e estúpido ataque ao Presidente Vargas, que em boa hora pleiteou o reatamento diplomático com o Regime Soviético, democracia aliada de democracias e declarou guerra ao Fascismo Internacional.

[...] Na minha opinião e na de todos os bons brasileiros antifascistas, o Presidente Vargas acertou em que pese a opinião do seu irmão Viriato. A União Soviética é realmente a mais avançada Democracia do mundo e, sobretudo, a garantia para todos os povos livres da liquidação final e definitiva de todas as sobrevivências fascistas, seja em que meridiano elas se atrevam subsistir, daí a admiração e entusiasmo que desperta a URSS em todos os antifascistas sinceros e conscientes do mundo.

[...] Getúlio Vargas honra-se estendendo a mão ao Governo Soviético, ou melhor, ao heroico povo soviético, enquanto Viriato Vargas pretende insultá-lo com as mais revoltantes calúnias.

Nesse trecho, Calvino rechaça a ideia de que nazismo e comunismo seriam regimes equivalentes — argumento recorrente entre pensadores de direita — e, mais uma vez, ressalta os acertos do governo Vargas, desta vez no que se refere ao reatamento diplomático com a URSS. É interessante notar que o editor não apenas exalta a figura de Vargas, como também o preserva de críticas ao governo, como no caso da censura ao livro *Princípios de Economia Política*, promovida pelo DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda). Fica claro, mais uma vez, que ele segue de forma disciplinada a linha do Partido Comunista Brasileiro, de União Nacional em torno da figura do presidente.

A exaltação de Vargas aparece em diversos prefácios escritos por Calvino Filho para os livros que editava. É o caso, por exemplo, de *O Poder Soviético*, do reverendo Hewlett Johnson, principal liderança da Igreja Anglicana na Inglaterra. Nesse prefácio, Calvino inicia destacando o fato de a obra ter sido escrita por um bispo protestante e prefaciada por um bispo católico — demonstrando que o combate ao “nipo-nazi-integral-fascismo”, inimigo comum, estava acima de quaisquer divergências políticas e ideológicas. O texto ainda ressalta que essa união ocorreu de forma ampla, envolvendo todas as forças políticas, com exceção dos integralistas, sob a liderança de Getúlio Vargas, “acima de quaisquer ressentimentos pessoais”. Essa colocação funciona também como uma justificativa do próprio PCB para o

apoio a Vargas naquele momento, apesar da feroz repressão aos comunistas após 1935 e da prisão de seu principal líder, Luís Carlos Prestes.

Por fim, o texto dos editores conclui afirmando que a propaganda “nazi-integral-fascista” não será capaz de abalar a aliança dos países das Nações Unidas no esforço de guerra, representada no Brasil pela figura do presidente Vargas, “que garante e estimula a união de todos os brasileiros” com o objetivo de “esmagar o nipo-nazi-integral-fascismo”.

A seguir, outro livro com o mesmo intuito e do mesmo autor: *O Cristianismo e a Nova Ordem Social na Rússia*. O primeiro prefácio é assinado pelo editor Calvino Filho, e nele aparece, mais uma vez, a exaltação da figura do presidente Vargas como o grande líder do país naquele período, capaz de unir as forças progressistas antifascistas. Há também um tom de ressalva quanto à experiência soviética: seus avanços são reconhecidos, sendo chamados de “milagre russo”, mas sempre acompanhados da lembrança do enorme sacrifício do povo para conquistá-los. Ainda assim, o caráter socialista/comunista do regime soviético é negado, mesmo que Lênin – seu principal artífice – tenha sido comunista e um ferrenho crítico do capitalismo.

Para Calvino, a crítica ao capitalismo também está presente na doutrina cristã, o que aproximaria essas duas visões de mundo. Segundo ele, “ser contra a URSS é o mesmo que ser contra a Igreja”. Naquele momento, a União Soviética seria, em suas palavras, “o baluarte das democracias ocidentais”, algo reconhecido inclusive por Churchill e Roosevelt.

Por fim, exaltando mais uma vez Getúlio Vargas, Calvino afirma que o presidente é um entusiasta dos estudos sobre todas as formas de organização social e que, já naquele momento, buscava refletir sobre modelos para o pós-guerra. Seu governo, assim, colocaria o Brasil no caminho da “liberdade e iguais oportunidades para todos”. Mais uma vez, fica patente o esforço do editor em aproximar posicionamentos inicialmente antagônicos – cristãos e comunistas – e, também, em associá-los à figura de Vargas.

A obra *A Questão Social e os Cristãos Sociais*, de Lisandro de la Torre, traz um prefácio dos editores intitulado “Não Combatemos as Religiões”. Nele, argumenta-se que a religião não existirá em uma sociedade nova e totalmente emancipada, mas que isso ainda levará “centenas de anos” para acontecer. Os editores afirmam que os líderes soviéticos nunca reprimiram a religião, embora buscassem sua superação por meio da educação das massas. Ao perceberem que o misticismo persistia entre a população, optaram por incorporar a Igreja

Ortodoxa ao projeto da nova sociedade, fazendo com que esta “evoluisse” e passasse a servir de forma “positiva” ao povo russo.

No caso brasileiro, afirmam que a Igreja Católica deveria seguir as palavras do presidente Vargas, segundo as quais o futuro pertence às “classes laboriosas”, e que deveria ajustar sua atuação nesse sentido. Eles também criticam os “sacerdotes estrangeiros” que utilizariam os púlpitos para atacar o governo brasileiro, justamente em um momento de união nacional contra o nazifascismo.

Mais uma vez, a questão religiosa na Rússia e a exaltação à figura de Vargas aparecem em um prefácio dos editores. É interessante observar que a defesa da aproximação entre comunistas e cristãos funcionava também como uma estratégia de legitimação do apoio do PCB ao governo estadonovista, abertamente clerical.

É importante notar como o posicionamento de Calvino em relação ao Estado Novo muda após o fim do regime e a destituição de Vargas do poder. Àquela altura, a linha de União Nacional começava a ser abandonada, sendo completamente deixada de lado pelo PCB após a cassação da legalidade do partido em 1947 e de seus representantes legislativos em todo o país, em 1948. Isso fica evidente no artigo “Estudemos o Marxismo”, de autoria do próprio editor e publicado no número 13 da revista *Divulgação Marxista*, no qual ele explica como se deu a edição de seus livros durante os anos 1940. Segundo o editor Calvino Filho (1946, p.48):

Apesar de todas as dificuldades apostas pelos notórios fascistas governamentais e clero reacionário, a Editorial Calvino conseguiu iniciar a publicação de livros antifascistas, até aí proibidos de serem editados. A seguir, de obras de divulgação da URSS, com o objetivo de desmascarar a intensa propaganda feita livremente pelo fascismo entre nós. De mil e um recursos precisamos lançar mão para lançarmos esses livros sobre a URSS, os quais, de vez em quando, eram apreendidos. O DIP, órgão destinado a oprimir o pensamento, proibia frequentemente a Editorial Calvino até mesmo de inserir publicidade nos poucos jornais que a aceitavam, em torno das suas edições. Ainda depois de declarada a guerra pelo Brasil contra os países fascistas, as restrições e punições que nos impunham eram constantes e bem revelavam o caráter do nosso governo.

Calvino Filho caracteriza, nesse trecho, a retomada das atividades editoriais da Editorial Calvino logo após a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, deixando claro que a prioridade de sua linha editorial, de 1942 a 1944, foi a publicação de livros antifascistas e de divulgação da URSS. O foco nesse momento era a “União Nacional”, que reunia diversas forças políticas, desde os comunistas até o governo Vargas, em prol do esforço de guerra

alinhado à frente antifascista mundial (Segatto, 1985, p.48). Essa linha de ação do PCB tornou-se oficial após a Conferência da Mantiqueira, em 1943 (Carone, 1982, p.4).

Além disso, esse tipo de edição, centrada nas questões da guerra e não necessariamente na divulgação de ideias políticas ou doutrinárias, servia para medir o grau de tolerância do governo do Estado Novo em relação à atuação dos comunistas na difusão de suas ideias e na prática militante cotidiana. Fica claro, pelas palavras do editor e proprietário da editora, que, apesar da mudança de conjuntura, a repressão policial e a censura contra os comunistas permaneceram intensas, como exemplificado pela ação do DIP, que proibiu a publicidade da editora nos jornais da época. Em outro trecho, Calvino Filho (1946, p.47) também comenta sobre a apreensão de livros e detenções:

Esse governo quase sempre foi reacionário e não poucas vezes inquisitorial, como não podia deixar de ser, por isso que, semifeudal e clerical, sempre foi contrário a verdadeira liberdade de pensamento e divulgação da ciência proletária porque esta se opõe à luta contra a exploração semifeudal apoiada pelo seu aliado ultrarreacionário clericalismo semicolonial.

É explícita a mudança de tom de Calvino Filho em relação ao governo Vargas, se comparada aos artigos e prefácios de livros do período da Guerra e da União Nacional defendida pelos comunistas. Um governo cheio de qualidades, comandado por um líder virtuoso, se transforma em um governo de facínoras fascistas e obscurantistas.

Mas esse descontentamento do editor já existia, principalmente em relação à censura, ainda que isso não fosse explicitado publicamente devido a questões políticas. Nesse sentido, vale ressaltar dois telegramas enviados por Calvino Filho diretamente ao Gabinete da Presidência, destinados a Getúlio Vargas.

O primeiro, de 22 de julho de 1944, traz uma reclamação do editor quanto à ação do DIP contra a comercialização do livro *Três Princípios do Povo*, de Sun Yat-Sen. O editor protesta pelo fato de o DIP exigir que o livro passe pela censura prévia, que, segundo ele, havia sido abolida por Vargas em abril de 1943. Afirma que, se o DIP continuar considerando a lei válida, “certamente inimigos pessoais procurarão intervir e punir a Editorial Calvino com o fechamento”. Ressalta já ter sofrido uma ameaça dessa natureza de um tal “Capitão Dutra”, sob acusação de ter adulterado um livro sobre Stalin, o que, segundo o editor, foi desmentido pelos próprios tradutores do DIP.

Ele cita ainda o fato de o DIP ter fechado o seu jornal *Mundo Médico*, mesmo tendo este passado pela censura e defendido a “União Nacional” sob a liderança de Vargas. Conclui

dizendo que fazia essa “comunicação” para evitar nova arbitrariedade que afetasse o espírito “avesso à violência, justo, desapaixonado e democrático”.

No segundo telegrama, de 2 de agosto de 1944, Calvino Filho relata o início da apreensão de vários títulos da editora pela polícia, tanto em seu estoque quanto nas livrarias. Foram apreendidos os livros *A Questão Social e os Cristãos Sociais*, *Santa Rússia*, *Princípios de Economia Política*, *Ásia Soviética* e *Três Princípios do Povo*. O editor afirma que essa é a “materialização da ameaça de violência que havia denunciado” a Vargas algumas semanas antes. Protesta pelo fato de todos os livros terem sido “editados dentro da lei”, destacando, inclusive, que o livro de Sun Yat-Sen afirma que “Marx está errado”. Complementa considerando absurdo que suas obras sejam censuradas enquanto “vendem-se livremente livros de Plínio Salgado e Trotsky”. Calvino afirma tratar-se de clara perseguição pessoal e destaca que precisa “ganhar, viver, além de manter numerosos empregados e pagar impostos”. Conclui apelando mais uma vez para o “espírito de justiça avesso à arbitrariedade”, a fim de evitar a “falência desastrosa” de sua editora.

Fica evidente como a abertura política do Estado Novo não é um processo livre de contradições e que, mesmo nesse período, os comunistas não deixaram de ser alvo de arbitrariedades por parte do Estado. Apesar disso, é um fato digno de nota o editor procurar ajuda diretamente na figura do ditador, o que, de certa forma, apenas corrobora a ideia de que Getúlio Vargas era, de fato, o homem acima de todas as estruturas durante o Estado Novo – não apenas o seu líder, mas o vértice que as unia e definia sua forma de funcionamento.

CONCLUSÃO

Ficam bastante evidentes, no decorrer do texto, as idas e vindas que o editor José Calvino Filho teve em relação ao governo do Estado Novo e à figura de Vargas – algo muito claro em suas intervenções nos jornais do período e nos prefácios de sua autoria para as obras publicadas por sua editora. É possível compreender essas mudanças considerando que se tratava de um militante comunista, que, de forma disciplinada, seguia as linhas partidárias, ora de oposição, ora de apoio a Getúlio Vargas.

Outro ponto importante a ser considerado é a chave pela qual a aproximação entre comunistas e varguistas (ou trabalhistas, principalmente após a fundação do PTB em 1945) foi possível na história republicana brasileira: o nacionalismo. A ideia de construção de um país pautada na soberania nacional e na superação do subdesenvolvimento, somada a uma

legislação social que garantisse vida digna aos trabalhadores, foi a base da aliança entre essas duas forças políticas populares – seja nos anos 1940, seja no final dos anos 1950, seja no início dos anos 1960.

Aliança essa que mobilizou forças contrárias, principalmente do liberalismo oligárquico nacional, agente principal na destituição de Vargas em 1945, na cassação da legalidade do PCB em 1947 e no golpe civil-militar de 1964. Enfim, essa força explica, como procuramos demonstrar no texto, a publicação de um livro de Vargas por um editor comunista, que depois será perseguido por ele e, ainda assim, se alinha novamente a ele contra um inimigo comum – roteiro mais do que comum na contraditória história das esquerdas brasileiras durante a República.

REFERÊNCIAS

- CALVINO FILHO, José. Estudemos o Marxismo. **Divulgação Marxista**, n.3, ago. 1946.
- CALVINO FILHO, José. A Verdade Sobre a Rússia Através dos Livros da Editorial Calvin e as Acusações do Sr. Ary Maurell Lobo. **Diário da Noite**, p.3, 23 maio 1944.
- CARONE, Edgard. **Da Direita à Esquerda**. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1991.
- _____. **O Marxismo no Brasil**: das origens a 1964. São Paulo: Editora Dois Pontos, 1986.
- _____. **O PCB (1922-1943)**. v.1. São Paulo: Difel, 1982.
- _____. **O PCB (1943-1964)**. v.2. São Paulo: Difel, 1982.
- _____. Leituras marxistas e outros estudos. In: SECCO, Lincoln; DEAECTO, Marisa Midori (Orgs.). São Paulo: Editora Xamã, 2004.
- DEAECTO, Marisa Midori; MOLLIER, Jean-Yves (Orgs.). **Edição e Revolução: Leituras Comunistas no Brasil e na França**. Cotia, SP: Ateliê Editorial; Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 2013.
- DIÁRIO DA NOITE, Rio de Janeiro, p.6, 22 out. 1943.
- DUTRA, Eliana de Freitas; MOLLIER, Jean-Yves (Orgs.). **Política, Nação e Edição: O lugar dos impressos na construção da vida política (Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XX)**. São Paulo: Annablume, 2006.
- GENETTE, Gérard. **Paratextos Editoriais**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.
- HALLEWELL, Laurence. **O Livro no Brasil**. São Paulo: Edusp, 2005.

MICELLI, Sérgio. **Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1920-1945)**. São Paulo: Difel, 1979.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em Guarda Contra o Perigo Vermelho: O Anticomunismo no Brasil (1917–1964)**. Editora Perspectiva; FAPESP, 2002.

NAPOLITANO, Marcos; MOTTA, Rodrigo Patto Sá; CZAJKA, Rodrigo (Orgs.). **Comunistas Brasileiros: Cultura Política e Produção Cultural**. São Paulo: Editora Humanitas, 2013.

PALAMARTCHUK, Ana Paula. **Os Novos Bárbaros: Escritores e Comunismo no Brasil (1928-1948)**. 2003. 367 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/282022?guid=1760633894586&returnUrl=%2fr esultado%2flistar%3fguid%3d1760633894586%26quantidadePaginas%3d1%26codigoRegistro%3d282022%23282022&i=1>. Acesso em: set. 2025.

PEREIRA, Luciana Lombardo Costa. **A Lista Negra dos Livros Vermelhos: Uma Análise Etnográfica dos Livros Apreendidos Pela Polícia Política no Rio de Janeiro**. 2010. 230 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: https://www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online-81314/a-lista-negra-dos-livros-vermelhos---u ma-analise-etnografica-dos-livros-apreendidos--pela-policia-politica-no-rio-de-janeiro?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: set. 2025.

RUBIM, Antônio Canellas. **Partido Comunista, Cultura e Política Cultural**. 1987. (Doutorado em Ciência Política) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1987.

SEGATTO, José Antônio. **Breve História do PCB**. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1981.

ZIMBARG, Luis Alberto. **O Cidadão Armado: Comunismo e Tenentismo (1927 – 1945)**. 2001. 235 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2001. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/d050eca5-9f2c-4d50-9a24-04cabd22de cc/content>. Acesso em: set. 2025.

